

DISCURSO DE POSSE DO
PROFESSOR

JOÃO JOSÉ RESCALA

Exmo. Sr. Prof. Edgard Santos, Magnifico Reitor da
Universidade da Bahia.

Exmo. Sr. Prof. Mendonça Filho, Diretor da Escola de
Belas Artes da Universidade da Bahia.

Egrégia Congregação

Exmas. Senhoras

Exmos. Senhores

Srs. Alunos

Meus antecipados agradecimentos a todos que me honraram com a sua presença, com o fim de prestigiarem êste ato de posse.

Não sendo o uso da palavra o adequado meio de expressão do pintor, isto exige de mim verdadeiro sacrificio. A sábia natureza privou-me dêsse dom, tão comúm aos filhos desta bela e dadivosa terra que, desde a minha primeira visita, no ano de 1938, fêz de mim um constante admirador.

Foi ainda, em julho do citado ano, que tive a satisfação de conhecer, de modo rápido, um pintor entusiasmado com a arte com uma visão ampla do assunto. Era o portador de nova mensagem da velha Europa para a Bahia. A princípio, intimidei-me com a sua face de tracos marcados, olhos mongólicos e sombrancelhas de homem das cavernas.

Passaram-se os anos e o encontro repetiu-se há pouco tempo quando, Mendonça Filho, com a sua capacidade de convencer, arrancou-me da minha querida cidade.

Até então, desconhecia-lhe outras qualidades reveladas a mim de modo surpreendente. Ao seu dinamismo construtivo, devemos a nova fase da Escola, estimulado pelo auxilio moral e financeiro do Magnifico Reitor de uma das mais conceituadas Universidades do Brasil e dos professores, cujo apôio possibilitou a sua concretização, preparando-a assim, a servir melhor à comunidade bahiana, e, consequentemente, ao nosso país.

Ao professor Mendonça Filho devo ainda, o ter-me convencido das possíveis qualidades de professor, acabei acreditando, rompendo com pertinaz esforço a minha timidês, até então, inseparável inimiga, e assim, galguei a posição honrosa que hoje se consuma.

Aos insignes professores, a minha mais elevada gratidão pela maneira distinta e cordial com que me receberam, desde o primeiro momento em que aqui cheguei, como professor contratado, cumulando-me de gentilezas, amizades por mim cultivadas com o máximo carinho e aprêço.

A minha incondicional estima a todos os alunos que sempre me ouviram com atenção e respeito, demonstrando interesse pelos ensinamentos transmitidos.

Coube a vós, professor Américo Simas Filho, receber-me, colocar-me entre a douta congregação, da qual, serei o mais humilde dos componentes. Honra até poucos anos não sonhada, e, ainda mais, condusido por uma personalidade de brilhante inteligência, a serviço do magistério.

Desincumbiste-vos da vossa missão de modo tão significativo e emocionante, revivendo um passado idealista dentro da pobreza que jamais o abatera. Apesar dos anos passados cheios de entaves, permanece ainda, o mesmo ideal e entusiasmo, dos quais, os alunos têm compreendido e participado.

Os contratemplos e as decepções não conseguiram abater o espírito de luta dos componentes do Núcleo Bernardeli, os quais, em sua maioria, galgaram pontos culminantes.

A nossa mocidade irrequieta não foi inútil, e, isto é, para nós, um grande conforto.

A honra, que a vossa bondade me proporcionou, Sr. prof., foi demasiada; não poderá ser correspondida com simples palavras, mas, com a elevação do espírito.

Não preciso afirmar que êste momento é, talvez, o mais importante que tenho vivido, de igual equivalência foi a conquista do "Prêmio de Viagem ao País" no "Salão Nacional de Belas Artes", sem a exigente medalha de prata que faculta a concorrência aos prêmios de Viagem. A minha emoção atingiu ao auge, não pelo fato em sí, mas, por ter sido premiado no retrato dos meus pais, quadro feito com o maior senti-

mento e amor pelos autores de minha vida, a quem, neste momento, recordo com saudades e gratidão.

O destino oferece-nos, por vezes, surpresas desconcertantes; comigo, êle muito têm se divertido. Fêz-me estagiar em várias profissões à título de experiência, para, depois, satisfazer o meu desejo de ser pintor, cobrando-me assim um alto preço. Obrigou-me a abandonar tudo, e a aliar-me aos amigos da mesma condição de vida. Um colega de incomparável talento, pertencente ao grupo que compunha o Núcleo Bernardeli, chamado Magno Trindade, bahiano de nascimento, a quem devo as primeiras informações sôbre a Bahia, foi menos resistente do que nós, a fome diária que a média com pão sem manteiga não lhe evitou a tuberculose; abandonou-nos justamente, na ocasião em que o seu indomável talento, produzia uma pintura liberta e corajosa.

Como deveria estar satisfeito o companheiro de arte e fome, ao ver-me tomado posse como professor da Universidade da sua querida Bahia.

Por fôrça de observações e longos estudos, nas várias modalidades do desenho e pintura, desenvolveu-se a minha compreensão e amor pelas obras de arte do passado e as do presente, portadoras da marca inconfundível dos verdadeiros artistas, em qualquer das suas manifestações.

Uma obra de arte vale, não porque seja feita desta ou daquela forma, mas pelo que de humano e belo possa nos transmitir o seu conteúdo estético-plástico.

A maneira não importa, o que importa é a mensagem transmitida através de uma técnica correta.

O que seria da arte e da vida, que ela embeleza com as suas variações, se todos os artistas, repetissem monotona-mente, as mesmas fórmulas e o mesmo espirito?

A história aponta-nos vários exemplos: — Tôdas as vezes que houve tentativas no sentido de limitá-la ou dirigí-la entre viseiras ela caía em um mecanismo inexpressivo, provocando, em consequência, reações imprevisíveis — é o espetáculo a que estamos assistindo nêste tumultuoso século. Desde o advento do impressionismo, até o concretismo, que os "ismos" se sucedem sem rumo definitivo, tornando inaccessível o ponto

ideal, entretanto, quando os artistas se libertarem da tutela impertinente e estranha, e seguirem o seu caminho a exemplo dos pintores do passado, sem a proteção de muletas colocadas pelo comércio de arte aliado ao intelectualismo interesseiro, possivelmente, assistiremos ao espetáculo soberbo de uma segunda renascença, depois de decantadas as qualidades positivas das negativas, próprias a tôdas as correntes artísticas.

O artista contemporâneo vive o momento mais confuso e incerto de tôda a longa história, mesmo aquêles, dotados de personalidade mais acentuada, baseada em bons conhecimentos. Com dificuldade seguem o seu destino sem concessões, capazes de desviá-los do seu rumo.

Tôdas as novas formas de pintura exigem do artista plena convicção, contrariando seu espírito, não pensará mais por si, mas por opiniões estranhas. Submissão na maioria das vezes intencional com o fim de alcançar a fama de modo mais rápido.

Tornam-se divertidas as opiniões a respeito do pintor que atingiu um certo equilíbrio, sem dar maior atenção aos modismos passageiros. E' taxado, pejorativamente de acadêmico, embora a sua pintura reflita a inquietação do presente, feita à margem das correntes em voga. Academicismo da pior classe, o pratica todo pintor que sem apôio na técnica segue, incondicionalmente, os ditames alheios, sem oferecer nada de si.

Os artistas não podem e não devem pensar e sentir da mesma forma. Para tal, dever-se-á exigir da natureza, que lhes dê os mesmos sentimentos e igual sensibilidade.

As opiniões apressadas nada significam comparando com a sinceridade da obra realizada dentro de qualquer tendência, ou, preferivelmente, atendendo ao impulso da própria personalidade, o maior presente de Deus que faz do artista um ser impar.

É incontestável o valor da cadeira de "Teoria, Conservação e Restauração da Pintura", na formação técnica do aluno. A sua criação nas escolas oficiais trouxe ao ensino artistico um grande e considerável avanço. O estudante ficará capacitado a compreender e enfrentar com mais êxito a difícil arte da pintura e a encontrar com facilidade o seu meio de expressão.

No curto prazo de três anos do seu funcionamento, percebe-se a sua contribuição para a maior eficiência técnica dos processos e o interesse despertado em todos em ampliar seus conhecimentos.

O empirismo na restauração está desaparecendo da Bahia, cedendo lugar à aplicação correta, como é feita nos grandes museus dos Estados Unidos da América e da Europa.

Pode-se afirmar que, somente no Rio de Janeiro e aqui, está sendo aplicada e ensinada de acordo com o seu progresso, mais do que em outros Estados, e, talvez, da própria América do Sul.

Estamos nos esforçando em dar maior amplitude ao "atelier", de modo a ser útil, isto é, um verdadeiro laboratório a serviço da arte ao qual os artistas possam recorrer com o fim de removerem as suas dúvidas relativas ao material e a propriedade na sua aplicação.

O essencial é que a nossa Escola possa tornar-se útil ao maior e permanente desenvolvimento das artes, e, este é o seu maior objetivo.

A cadeira acha-se sobrecarregada de matérias de grande utilidade. O seu domínio teórico e prático, baseia-se sobretudo, na longa experiência, no manuseio do material e a conservação e restauração de centenas de obras de arte, resolvendo todos os casos que possam surgir imprevisivelmente, pois, sabemos que, um quadro poderá pertencer a uma época ou escola esteticamente falando, mas, a sua estrutura estará condicionada às variações do temperamento de cada artista. Não se podendo portanto generalizar o modo de recuperá-lo, devendo-se estudar cada caso, separadamente, valendo-se dos elementos científicos, concluindo-se então no tratamento a ser dado.

A coisa complica-se demasiadamente na restauração das pinturas nos últimos tempos, parece incrível tal afirmativa, mas, infelizmente, é verdadeira, ao verificarmos com tristeza, quadros com menos de 10 anos de existência, frequentam os "ateliers" de restauração, devido à desagregação técnica, que está atingindo ao auge, ameaçando a rasão de ser da pintura.

Em recente entrevista, o nosso grande pintor moderno, Candido Portinari, confirma a nossa opinião ao se mostrar apreensivo com o futuro da pintura afirmando, que, ela irá acabar. Foi a triste conclusão a que chegou ao ver a última Bienal de São Paulo. Acho porém, que ela, para o bem da humanidade, não acabará, devido à reação que se faz sentir em todo mundo para a sua preservação com o retôrno à obediência dos princípios que garantem a sua continuidade.

Parece-me bastante significativo, o recente surto artístico na Bahia. Seus novos artistas, à semelhança dos anteriores, estão se projetando fora dos seus limites, falo dos artistas em geral, pois a Bahia não poderia ficar alheia ou incólume; às novas manifestações, ela se tem feito representar nas várias correntes artísticas.

O importante ainda, para nós, é a formação e o lançamento no último Salão Bahiano, de novos valores que nos deixam esperançosos quanto ao seu promissor futuro.

Seria interessante que as escolas de arte fossem mais objetivas, ensinando ao aluno também as outras aplicações da pintura: — pintura mural, ilustrações para vários fins, cartazes, decorações em geral, cerâmica etc. de acôrdo com as exigências e o gôsto moderno. Elementos capazes de proporcionar-lhe um meio de vida e a oportunidade de viver decentemente sem as lutas e aperturas que tivemos. Nós sabemos que, não basta desenhar ou pintar bem um modêlo vivo, ser um bom pintor não implica em garantia econômica.

Com um officio afim, a pintura seria mais beneficiada, encarada com mais pureza, livre do comercialismo que tanto a deturpa.

Os estudantes procuram as outras escolas, na certeza de, ao concluirem seu curso, ter a vida assegurada, o que nem sempre acontece ao sairem das Escolas de Belas Artes.

Os pais afastam seus filhos dos estudos artísticos por não acreditarem que êles possam viver da arte futuramente. Passam a desconfiar penalizados da disposição mental do filho a quem desejam um melhor fim.

Acredito que a nossa Escola, pela acentuada transformação que nela está se processando, poderá destacar-se na atuali-

zação do ensino artístico, dentro dos limites aconselhados pela prudência. A esta altura, torna-se difícil ficarmos alheios à realidade da vida moderna e às novas exigências artísticas. A nossa missão atual seria melhorar os conhecimentos técnicos do pintor, em benefício das novas expressões, levando-o assim ao futuro equilíbrio. Só o aprendizado metódico do artesanato poderá oferecer meios ao artista moderno, para fazer uma arte que melhor convença.

Atualmente, raro é o moço que não esteja influenciado pela pintura que, no momento predomina, instintivamente é impelido a ela. Devemos acolhê-lo, assim como a sua apresada concepção e perceber até que ponto atinge a sua sinceridade.

Nem sempre existe acentuada convicção na sua maneira de pensar ou pintar. Sem maiores surpresas nossas, espontaneamente, poderá se modificar, e, se persistir intangível, então seria aconselhável encaminhá-lo dentro do seu ponto de vista sem prejuízo do ensino.

Chamar ao nosso ambiente os candidatos a pintores seria prestar a eles e à arte, um grande serviço; convencê-los de que, a Escola pertence a eles também, e lá podem desenvolver as suas aptidões melhor do que permanecerem em um autodidatismo estéril e insuficiente.

A Escola de Belas Artes poderia ir onde as vocações se encontram, em um trabalho de aproximação com outras escolas, ou, onde possa encontrá-las, e, não esperar que nos procurem, já que, há muito, em todo o país houve um trabalho intenso e pertinaz de descrédito das casas de ensino do gênero.

Seria boa política, imitarmos a Mahomet que, com a sua inteligente e prática filosofia conquistou meio mundo, disseminando a moral e a avançada cultura árabe da época.

Do mesmo modo, não será difícil conquistar a confiança dos jovens e difundir intensivamente o ensino das artes plásticas, de modo a preparar os artistas moços a viverem o seu momento, apoiados na base adquirida a custa de estudos conscientes. Dessa forma, a nossa Escola, dentro de pouco tempo, será considerada como a mais eficiente e evoluida por atender e compreender de perto o que os jovens querem, e; cer-

tamente precisam viver a sua época, do mesmo modo que, os artistas do passado o fizeram, cada qual em seu tempo, e, mais por isto ainda, os admiramos e respeitamos.

É apenas uma sugestão, resultante da demorada observação no plano artístico mundial e da necessidade de defender e preservar as escolas, e, conseqüentemente, o ensino compreensivo para o momento, sem o qual, não poderão sobreviver por muito tempo.

Basta ver, Srs., que o próprio govêrno e os nossos capitalistas, defensores portanto da ordem constituída, com a sua autoridade e prestígio, têm estimulado por todos os meios, a maior fixação da arte moderna. Quando pretendem uma decoração mural em edifício público, ou fazer representar a nossa arte no exterior, êles escolhem precisamente, os artistas de vanguarda. A escolha nem sempre é feliz, mas é lógica, ao considerarmos que o Brasil é um país progressista, e, assim, pretende situar-se entre as nações mais adiantadas. A Bienal de S. Paulo tem conseguido projetá-lo mais do que a diplomacia e os escritórios de propaganda. Embora não concordemos com a linha adotada, é justo reconhecer o seu valor em tornar a nossa Patria mais conhecida.

Peço, por favor, não verem alguma vontade premeditada de reformas, absolutamente, jamais tive intenções revolucionárias, e nem as minhas atitudes e a minha pintura revelam algum perigo, é fácil reconhecer que a última é feita dentro de um equilíbrio, sem preocupações de seguir esta ou aquela corrente. Sem pretensões maiores do que demonstrar que, a arte, sendo individual e aquicessível é mais admitida pela coletividade, assim como, sendo nacional torna-se mais universal. Sou contra imitações, mas, a favor da liberdade do espírito. Não confundir esta liberdade com a anarquia técnica, que tanto prejudica a boa intensão e a permanência da arte atual. Liberdade conseqüente do domínio dos processos.

O desenvolvimento da nossa arquitetura tem sido maior e com mais rendimento, devido à sua atualização.

Admite-se, nas escolas, o ensino da arquitetura moderna, enquanto a pintura continúa na orientação remotamente traçada, entretanto, as duas se enquadram na mesma linha das

artes plásticas. A arquitetura brasileira tem merecido, com justiça, grande destaque pelo mundo afora, enquanto a pintura feita em nosso meio, difficilmente convence a nós mesmos, quanto mais, ao exterior onde a importamos.

É certo que, tivemos no passado os pintores coloniais, e, depois, um Victor Meireles, um Amoêdo e um Almeida Junior que procurou imprimir características nacionais à sua pintura, tentativa interrompida com a sua morte, por não ter aparecido continuadores da mesma fôrça e com o mesmo propósito.

De qualquer forma, os nossos antigos pintores merecem o nosso respeito e admiração pela grandiosidade de sua obra, não havendo nada melhor no continente americano, na pintura da mesma época.

Eles, pelo menos, conheciam seu ofício, enquanto em nossos dias, difficilmente poderá salvar-se a imensa produção cuja debilidade material é patente.

Finalizando, quero reafirmar diante de vós, o meu otimismo e a minha fé no futuro da pintura por considerar que, tôdas as controvérsias, os interêsses imediatos e as preferências pessoais, desaparecerão com o tempo, mas, a arte, que nasceu com o homem, apesar de tudo, permanecerá eternamente.